

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARQUITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Colaborada por architectos e escritores de arte portuguesa

ANO VI — N.º 3

MARÇO DE 1913

SUMARIO

Predio dos Ex.^{mos} Srs. Francisco Soares da Silva e seu genro
Abilio José Ferreira. — *Nunes Colares*.
Projecto do predio — Architecto sr. *Antonio do Couto*.
Intercalares V e VI do projecto.

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

| | | | |
|-----------------|-------|--------------------------------|-------|
| Trimestre | 5000 | Para os paizes da união postal | |
| Semestre | 10000 | Anno | 40500 |
| Anno | 30000 | Annuncios pela tabella con- | |
| Avulso | 7400 | forme o espaço | |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

◆◆◆ RUA PALMIRA, 58, 2.º ◆◆◆

◆◆◆ LISBOA ◆◆◆

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO

38, R. DA CONCEIÇÃO DA GLORIA

◆◆◆ LISBOA ◆◆◆

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — Nunes Colares

Secretario da Redacção — Mario Colares

Composto e impresso na Tip. CESAR PILOTO — 38. R. da Conceição da Gloria, (Avenida)

Foto rafiaes de Manuel Manaças—Gravuras de P. Marinho

PORTUGUEZA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

Predio dos Ex.^{mos} Srs. Francisco Soares da Silva e seu genro Albino José Ferreira

Na Travessa das Aguas Livres, (ás Amoreiras)

Arquitecto : sr. Antonio Couto

A capital vae, dia a dia, progredindo sob o ponto de vista da beleza e da estetica das ruas e praças publicas.

Ha um certo empenho em tornar a vivenda mais atraente, não só interiormente, para gozo dos seus moradores, como exteriormente, para o prazer da vista dos transeuntes.

«A casa faz a familia», disse algures um fallecido escritor, e com razão o disse. O lar, onde o conforto se abriga, dá saude, dá alegria, e o bem estar que dahi se produz, faz com que a familia mais unida esteja.

E' esta uma verdade que não sofre contestação, embora hajam casos esporadicos, em que taes beneficios não actuam, mas, nesses, rarissimos, é porque já todos os laços moraes que unem as familias se quebraram e, por consequencia, as boas condições materiaes já nada podem conseguir. E' como um organismo depauperado, a que cousa alguma já pôde insuflar vida.

Não devemos, porém, ser ingratos, com o passado, ao vêrmos com prazer, os progressos da arquitetura na capital, porque de épocas mais ou menos remotas, temos em Lisboa exemplares dignos de registo.

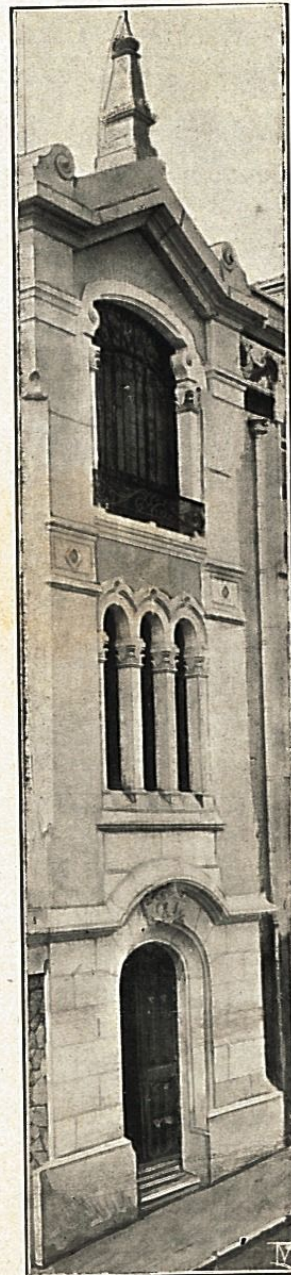
E' verdade que a disposição interior das habitações não obedecia ás condições de hygiene e conforto que a vida moderna exige, as divisorias eras desnecessariamente grandes e infortaveis, frias, tristes, em contraposição de algumas que agora se fazem que tambem são exageradamente mesquinhas, que os quartos de cama, mais vulgarmente chamados alcôvas, não tinham ar, nem luz, e que era desconhecida a casa de banho e o W. C.

O luxo interno da habitação senhorial e media, era o adorno das salas. Os tétos muito altos, com pinturas e douraduras; as sobreportas, com obra de talha, pintura e douraduras; as hobreiras e vergas de portas interiores, em muitos casos, de marmores caros, eis em que consistia a habitação rica, não só de Lisboa, como do resto do paiz.

O exterior, era, em geral, como ainda se veem algumas casas, de uma arquitetura severa, pombalina; nas casas mais

ricas, incaracteristica, quasi uniforme na sua grande maioria sem belleza, sem estetica, sem gosto.

No nosso paiz, nunca a arquitetura da edificação particu-

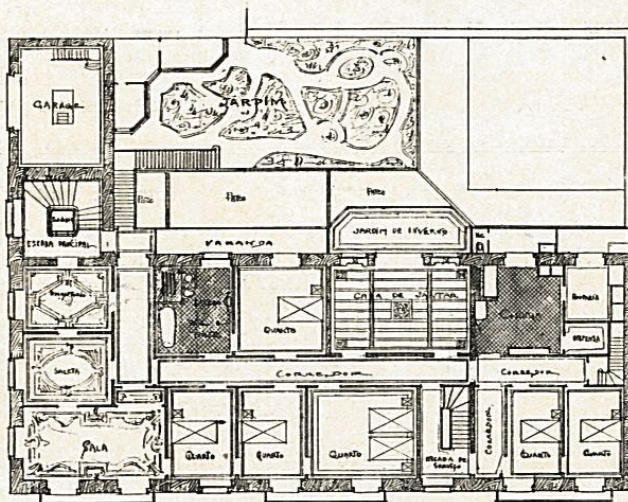


Corpo lateral da fachada principal

lar seguiu a evolução que noutros paizes se manifestou com o decorrer dos seculos, talvez consequencia da sua localização

no extremo ocidente da Europa e por consequencia, do seu afastamento do centro mais activo das artes, sendo-lhes bastante desconhecido o movimento da arte architectural dos fins

mentaes da arquitetura classica, e inspirando se nos monumentos da antiga Roma, recordam e aproveitam as cinco or-



Planta do 2.º andar

do seculo XVI em que se opéra uma revolução extraordinaria nessa arte.

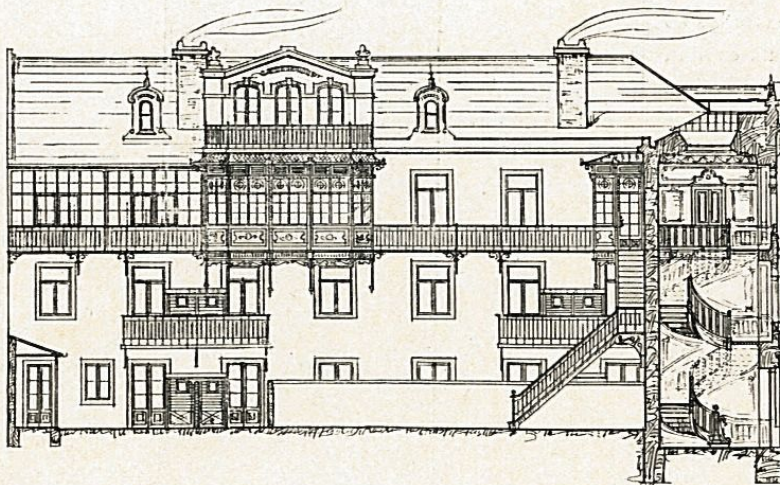
O estilo ogival, adotado desde o seculo XII, é posto de parte e substituido pelo estilo classico, denominado da *Renasçença*, porque a arte voltou ás antigas fórmas da arquitetura romana. A volta perfeita substitue a ogiva, as portas e as arcadas tomam a fórma semicircular.

Esta reacção, aliás importante, produziu-se primeiro na Italia, sempre o fóco de onde irradiaram os progressos dos ultimos seculos; não deixou, todavia, de haver um periodo de transição, resultando de ahí um estilo mixto pelas combinações das fórmas classicas com as ornamentações usadas no

denos greco-romanas, com o mesmo entablamento e accesorios.



Fachada principal (um dos lados)



Fachada posterior e córte da escada principal

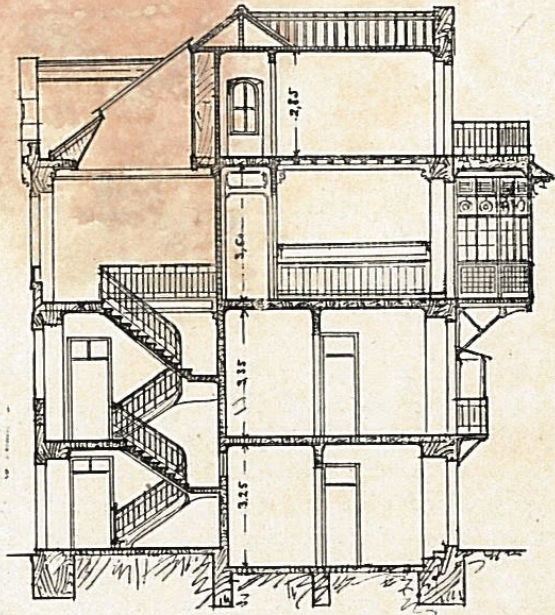
seculo anterior. Mas, não obstante os arquitetos aproveitarem os progressos obtidos durante o estilo ogival para a arte de edificar, respeitaram comtudo e seguiram os principios funda-

Ha, porém, na decoração subdivisões devidas ás produções da arte franceza. Temos assim o estilo Luiz XIV, cujos ornamentos consistem principalmente em grandes espiriaes, palmas, trofeus, etc. O estilo Luiz XV, de exagerada elegancia e afétação, misturando os embrechados de conchas nas suas composições. No reinado de Luiz XVI vigoram as fórmas classicas das artes gregas e romanas; o gosto torna-se mais serio e é menos contrafeita a ornamentação. No estilo do Imperio aparecem os Grifos, as Sfinges, as Vitorias com palmas e corôas de carvalho, que constituiram o ornato, não só na arquitetura como na mobilia.

No seculo XVIII a arte sofreu grandes modificações no seu caracter arquitetónico, que ainda hoje predominam.

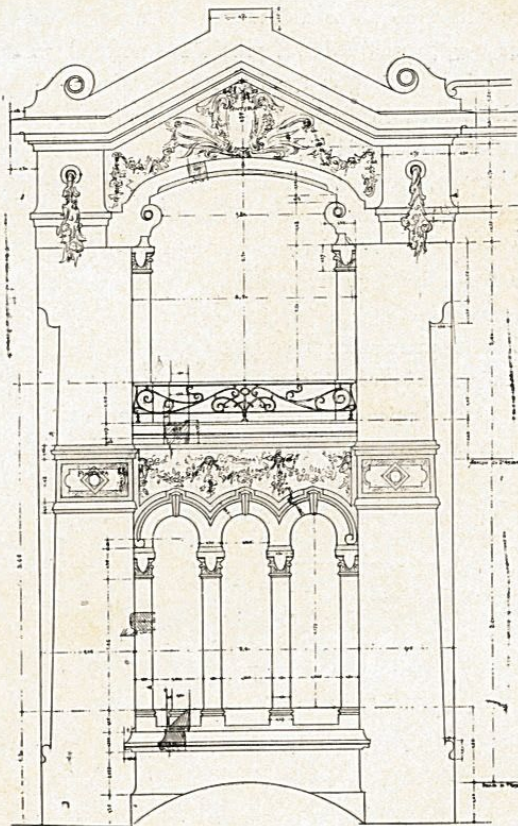
Em Portugal, temos exemplares arquitetónicos de todos os estilos, mas, especialmente nos edificios religiosos, onde, nalguns, como o de Santa Maria de Belem, creámos um estilo nosso, como o *Manuelino*.

Desde a sua fundação, que a arte foi cultivada em Portugal, não sendo o paiz mais pobre em monumentos, alguns



Corte transversal pela escada de serviço

dos quaes são mesmo anteriores á sua existencia como nação, como por exemplo o templo de Diana, em Evora.



Um detalhe do corpo lateral

Mas, não divaguemos mais de que já temos feito pela

arte arquitetural, pois nem temos competência para o fazer, e mesmo que alguma tivéssemos, isso levar-nos-ia muito longe e não era o restrito espaço de que dispomos nesta revista, que nos daria logar sequer para enunciação dos factos da historia da arquitetura desde os tempos mais remotos, dos dolmens, até á da civilização grega e romana, e dahi até aos modernos tempos.

Cinjamo-nos, pois, mais modestamente á actualidade e já não é pouco.

Outros, sem duvida mais competentes que se dêem ao



Um trecho da sala de jantar

trabalho de fazer a historia da arquitetura em Portugal desde o tempo do fundador da Monarquia, Affonso I, que nos legou o Mosteiro de Alcobaca, até á época actual.

A nós só compete a tarefa, relativamente mais facil, de ser cronistas, ou, talvez melhor, noticiaristas, do movimento que se vem fazendo, da arquitetura civil moderna no nosso paiz, a qual, mercê da gloriosa pleiade de noveis artistas que possuímos, e que tiveram a escola da nossa Academia de Bellas Artes de Lisboa, onde tiveram por professores homens como José Luiz Monteiro, e da Escola de Bellas Artes do Porto, onde tiveram por professores homens como Sardiha e outros.

Alegria a vista e o coração vêr os bellos exemplares de arquitetura que nos ultimos anos se tem produzido em Portugal, fazendo esquecer um pouco as aberrações de arte que a

par tambem se tem produzido. Falemos, porém, só das primeiras, para não falarmos de cousas tristes.

Os proprietarios intelligentes já vão comprehendendo a vantagem de apresentarem nos seus prédios alguma arte e bom gosto e assim é que se vêem já construídos uns poucos de edificios, que, aparte, pequenos defeitos, desculpaveis neste momento de evolução, se podem considerar de boa arquitetura, de estilizações diferentes, uns, outros de estilização fantasista, conforme a imaginação mais ou menos viva do artista que os concepcionou.

Mas, falemos um pouco do edificio, cujas gravuras enchem hoje as colunas da nossa revista.

E' seu autôr, um verdadeiro artista, que na *Arquitetura Portuguesa* já tem feito as suas provas, pois que são dele alguns projectos, dessiminados por diferentes numeros desta revista, nos quaes tem sobejamente demonstrado o seu grande talento e a maleabilidade do seu genio artistico, que se não confina num determinado genero ou estilo, mas, que abrange todos indistintamente. Assim é que tem aqui apresentado trabalhos, ora de estilização Henrique II, ora da Renascença, ora simplesmente de fantasia, como parece ser aquelle em que deve filiar-se o que hoje publicamos, embora o remate do edificio, se possa considerar um pouco Henrique II, o estilo mais predileto do illustre artista.

E' interessante o corpo lateral do edificio e a fachada da garage que junto lhe fica. Aproveitou o artista este corpo para o vão da escada principal que se acha ainda em construcção e que fica uma das peças mais bonitas, para o que muito concorre tambem o genial artista Bemvindo Ceia, com a bela pintura do tétó.

Para a construcção do predio aproveitaram-se umas barracas já pertencentes aos proprietarios e dahi para cima é que seguiram as paredes dos pavimentos do 1.º e 2.º andares. Foi uma questão de economia que não é para desprezar e que pouco ou nada, prejudicou o conjunto, pois que o artista soube tirar proveito da situação, concepcionando uma vivenda realmente interessante e que agrada á primeira vista.

Não devemos fechar esta noticia sem dedicarmos algumas linhas aos donos do predio, pois que se o artista que o concepcionou é digno de elogios pela fôrma como o fez, não menos é de louvar a iniciativa dos proprietarios por terem procurado quem lhe fizesse alguma arte na sua propriedade.

São dois os proprietarios do predio, dois activos e intelligentes industriaes, aos quaes se deve em grande parte o resurgimento da industria da sêda em Portugal, na parte que se refere á sua applicação a fitas, galões de seda, cordões, borlas, pompons e artigos de retrozeiro, de que são os principaes productores na sua grande fabrica na travessa da Fabrica dos Pentes, ás Amoreiras, a mais antiga, no seu genero, existente no paiz, pois é do tempo do Marquez de Pombal. Devemos aproveitar a ocasião para prestar o preito de justicia a um antigo amigo, o Ex. Sr. Albino Ferreira, hoje um dos proprietarios e gerente da fabrica, genro do outro proprietario, o Ex. Sr. Francisco Soares da Silva, pela maneira intelligente com que tem, com a sua grande actividade, dado um maior desen-

volvimento á fabrica, introduzindo-lhe novos processos de trabalho e fabrico, insuflando-lhe, permita-se-nos a frase, *sangue novo*, que só os novos de incontestavel valor podem dar ás industrias do nosso paiz, em geral atrofiadas, devido a causas diversas, que aqui não é campo proprio para explanar.

Como dissémos, novo ainda, cheio de vontade, desconhecendo ainda ha bem poucos anos, do ramo industrial em que ia ingressar, tornando-se genro do Ex. Sr. Soares, tanta vontade, tanta energia poz ao serviço da industria a que se dedicou, que hoje não tem para elle segredos os progressos da mesma e tem sido um leal auxiliar do seu sogro, um homem muito intelligente, activo, e o que é mais, apesa de não ser já dos novos, do seu tempo, e como tal amigo do progresso em todas as suas manifestações.

Dois caracteres assim forçosamente que se deviam entender. E assim succedeu. Tornaram-se dois verdadeiros amigos e o que um pensa é logo aceite pelo outro.

Foi assim, que tendo resolvido, de comum acordo, levantar a propriedade sobre as barracas já existentes, o nosso amigo, sr. Albino Ferreira, como já dissémos, novo ainda, cheio de vontade de progredir, na altura das suas forças, gosta tambem de auxiliar a arte em todas as suas manifestações, e por isso, chamou para lhe traduzirem em obra o seu pensamento, artistas como Antonio Couto e Bemvindo Ceia.

Não são demais, pois, todos os elogios que se lhe façam.

Não devemos terminar esta desprerenciosa noticia, sem declararmos que no nosso ultimo numero nos foi cortada, por falta de espaço, parte da referencia que no final do artigo se fazia ás oficinas de gravura do sr. Pires Marinho e por isso a concluimos agora, declarando que os trabalhos das oficinas do sr. Marinho tem sido esmeradissimos e deve-se, em grande parte, tão lisongeiros resultados á muita intelligencia e boa vontade do nosso amigo, o sr. Roque, gerente das ditas oficinas, que é incançavel em promover os progressos da arte a que se dedicou e á qual consagra, com amor, todos os instantes da sua vida.

E' tanto mais sincero este elogio, que, realmente, não temos senão que louvar a inexcédvel boa vontade com que sempre tem sido acolhidos, pelos srs. Marinho e Roque, já os nossos pedidos de urgencia de qualquer trabalho, já a adaptação de originaes dificeis de reprodução, os quaes ás vezes nós mesmos julgamos dificeis de conseguir.

Nunes Colares.



BIBLIOGRAPHIE

Publications étrangères reçues:

Espagne

Arquitectura y Construcción. — Barcelona.

France

Construction Moderne — Paris.

Angleterre

The Architect — London.

Journal of The Royal Institute of British Architects — London.

The Plumber & Decorator — London.

Italie

L'Edilizia Moderna — Milano.

A ARQUITECTURA PORTUGUESA

**Predio dos Ex.^{mos} Srs. Francisco Soares da Silva
e seu genro Albino José Ferreira**

Na Travessa das Aguas Livres, (ds Amoreiras)



Perspectiva geral da edificação

ARQUITECTO: SR. ANTONIO COUTO

INTERCALAR

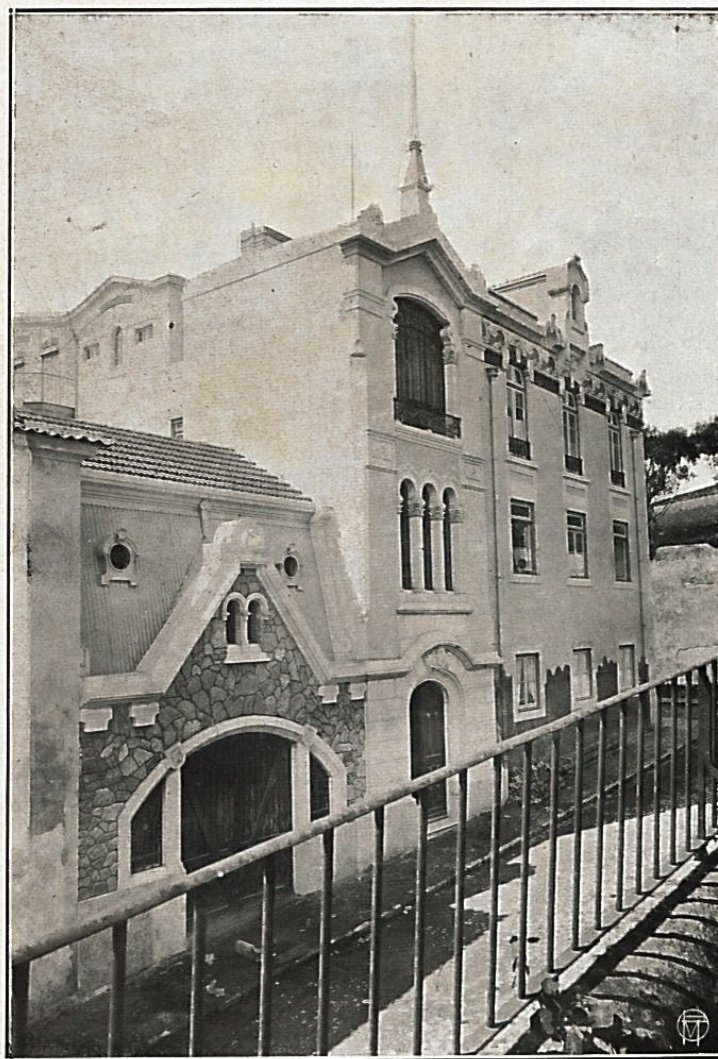
biblioteca
**Francisco Kell
do Amaral**

OA SRS

ANO VI — N.º 3

**Predio dos Ex.^{mos} Srs. Francisco Soares da Silva
e seu genro Albino José Ferreira**

Na Travesa das Aguas Livres, (ás Amoreiras)



Fachada principal (um dos lados)